

Entrevista com...

Elisângela da Silva Nunes

Quem não conhece ou nunca foi visitar as ilhas do litoral paranaense, não sabe o que está perdendo. Lá, existem inúmeras famílias e histórias lindas de viver. Entre elas encontramos a história da Elisângela, que cruzou com a história do IFPR por meio de uma ação desenvolvida em Guaraqueçaba. Ela se tornou estudante do IFPR, hoje vive seus novos sonhos e faz diferença em sua comunidade. Venha conosco conhecer essa história, cheia de riquezas e determinação!!!

Revista Difusão: Gostaríamos de saber quem é você, qual seu nome, onde você nasceu?

Elisângela da Silva Nunes: Meu nome é Elisângela da Silva Nunes, conhecida como Lili. Nasci no município de Guaraqueçaba e minha terra natal é a comunidade de Bertioga, que fica na Ilha das Peças. Me criei lá. Já morei em Curitiba também. Fui morar com minha avô e minha tia, com a intenção de cursar o nono ano e fazer o ensino médio. Não me adaptei. Depois tentei morar em Santos para trabalhar e estudar, mas também não deu certo, a saudade falava mais alto. E voltei para minha comunidade em Bertioga. Há 3 anos moro na Ilha de Superagui, bem próximo a Bertioga onde residem meus pais. Sou casada, fui mãe com 15 anos e tenho uma filha de 7 anos.

Conte um pouco sobre sua história de vida, seus pais, de onde eles vêm, desde que você nasceu, até hoje. Nos fale um pouco da sua história familiar.

Sou a única filha mulher, tenho mais dois irmãos. Eu nasci e cresci na comunidade pesqueira de Bertioga, com meus pais, eles são pescadores. Minha mãe veio de Guaratuba, mas sempre viveu aqui no município de Guaraqueçaba com os pescadores. Em Bertioga ela conheceu meu pai, se casaram e ela começou a pescar junto com ele, até hoje é pescadora. Nós morávamos no início da ilha, como quem vem de Guaraqueçaba pra cá, e aí o acesso para nós estudarmos era muito mais difícil porque tínhamos que passar pelo rio. Íamos com a água até a cintura pra escola estudar, e foi até o terceiro ano dessa forma. Depois nos mudamos para mais perto e consegui concluir o ensino fundamental lá. Quando foi para a fase dois, lá já não tinha, tinha que ir pra outra ilha, pegar barco para fazer travessia... Meus pais sempre ajudaram e apoiaram. Sempre muito difícil, principalmente quando chovia.

Como era para estudar naquela época? Que horas você acordava e como você ia? Como seus pais apoiavam?

Quando passou a fase dois, do quinto ano pra frente, acordávamos 5h30 da manhã, e pegávamos o barco às 6h. A aula



começava às 7h. Minha mãe sempre estava acordada cedo, com o café pronto. Depois que voltei de Curitiba, fui estudar em outra comunidade vizinha, mas tinha que pegar barco também para chegar lá, e foi mais um ano assim. Para estudar em Superagui era muito ruim para o barco chegar, muitas vezes eu caía na água, porque o mar estava ruim, caía e me machucava. Pela dificuldade de acesso e por descaso da direção da escola, ao mudar de diretora, mudamos para Tibicanga, mas mesmo assim era difícil o horário, barcos, etc. E algumas comunidades até hoje não tem luz elétrica, o que dificulta ainda mais o acesso à educação.

Então vocês primeiro estudavam na comunidade de Bertioga até o Ensino Fundamental. Depois foram para Superagui. Aí vocês tentaram estudar fora, voltaram e foram para escola de Tibicanga, que era em outra comunidade, no lado oposto. Quanto tempo levava para chegar em Superagui e Tibicanga?

Então quando a gente estudava em Superagui era barco mesmo que usa pra pescar, ou até lancha e levava cerca de 1 hora, Tibicanga era voadeira, transporte escolar mesmo, então era mais rápido, levava meia hora a 40 minutos até Tibicanga.

Que memória você tem da infância dessa época de escola?

Então, hoje em dia as crianças só ficam no celular. Antes todo mundo se conhecia e se juntava no quintal de casa, inventava brincadeira, saía para pescar com os pais. A gente brincava

bastante ao ar livre. Não tem cerca aqui, a gente era livre. Quando a gente saía para pescar com o pai fazia disputa de quem pegava o maior peixe. Era outro tempo, um tempo mais feliz, eu acho.

O que significa para você morar em comunidade?

É maravilhoso, eu acho isso mesmo!! Não ter cerca, todo mundo se conhece, todo mundo ajuda, sempre tem um apoio. Quando precisamos de alguém ou algo temos apoio da comunidade e o fato de todos se conhecerem, é bem gostoso. Na cidade a gente tem medo, medo de sair, ou até mesmo de ficar em casa.

E você como mulher na comunidade, o que você pensava naquela época, tinha alguma diferença, algum peso, ou você só foi descobrir hoje?

Nosso povo é um pouco preconceituoso e muito machista, as mulheres sempre tinham que ficar em casa, mas eu sempre gostei de pescar, eu sentia isso. Pelo fato de ser mulher você tinha que ficar dentro de casa, cuidando da casa, ajudando a mãe, enquanto o homem saía para buscar o sustento. Mas hoje em dia isso mudou um pouco, e eu sempre quis ser independente, me sustentar. A mulher pode fazer tudo igual ao homem e buscar independência ou complementar a renda da casa.

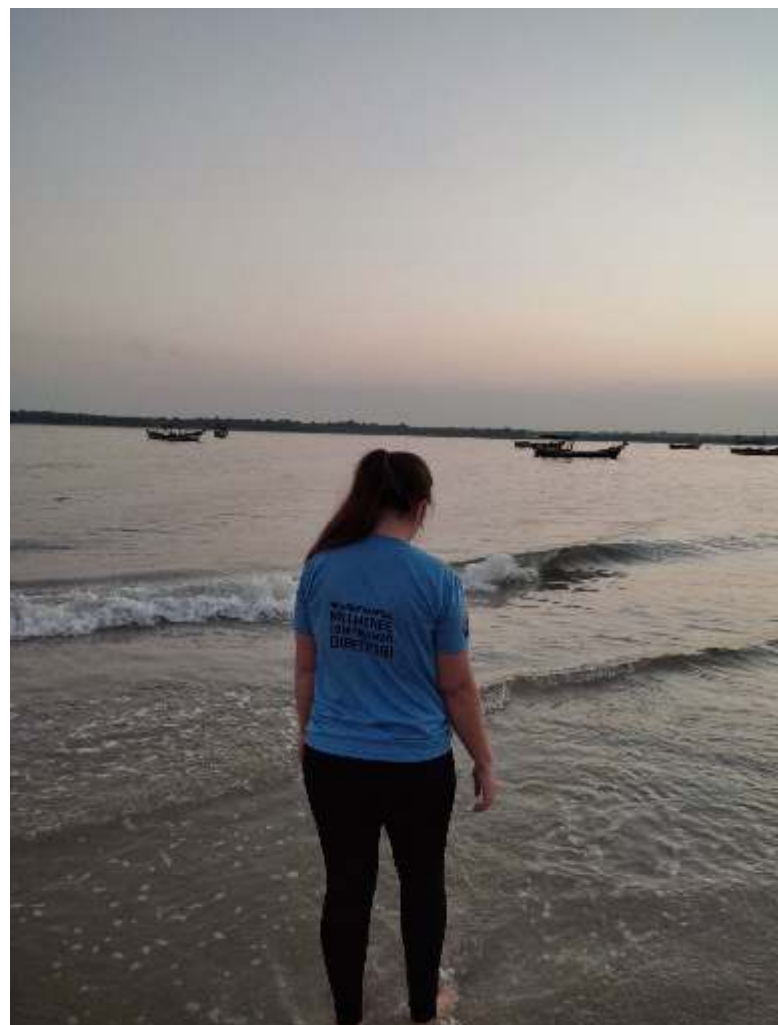
Como está sendo para sua família se manter da pesca?

Hoje em dia está bem difícil, com a criação do parque quase todas nossas práticas profissionais foram proibidas. Não podemos fazer mais roça, algumas de nossas principais pescas foram proibidas, assim como o cerco fixo e a pesca da manjuba. Tá bem difícil, principalmente quando chega o inverno, que fica difícil até de tirar peixe pro nosso sustento. Meu pai sempre foi pescador, meus avós eram pescadores. Hoje minha mãe está em Curitiba, trabalhando em casa de família, para completar a renda da família e meus dois irmãos estão morando em Paranaguá numa dificuldade danada para arrumar emprego.

E quando você começou a ter essa consciência de buscar seu espaço, o seu querer? Como foi esse processo dentro da comunidade? Como foi esse seu libertar?

Eu casei muito nova com 14 anos, e nessa época eu ainda pensava que a mulher tinha que ficar em casa. Mas mesmo assim eu fazia meus salgados e saía para vender e ganhar meu dinheirinho. Eu sempre quis ser independente, meu sonho era ser professora. Quando eu comecei a frequentar as reuniões do MOPEAR (Movimento dos Pescadores e Pescadoras Artesanais) junto com meu pai, eu saía mais. O Movimento foi criado em 2008 e meu pai foi uns dos fundadores do movimento. As reuniões e os encontros do movimento nos levavam a conhecer outras realidades. Adquirimos conhecimento, contato com outras pessoas, com outros movimentos, conhecemos outras lutas, foi onde o nosso pensamento começou a mudar. Aquele pensamento antigo foi embora. Nessa época entre 2017/2018 eu ajudava o movimento no setor da educação e participamos do Encontro Nacional das

Pescadoras Artesanais, que foi em Pontal do Paraná. Nesse período o Movimento demandou junto ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná (IFPR) um curso de formação para as mulheres pescadoras da nossa região do litoral. Nós mulheres precisávamos ajudar os companheiros na luta, não era só ajudar na lida diária não; a gente precisava entender o que estava acontecendo. Queríamos ficar por dentro das questões que nos atingiam diretamente, para poder apoiar e acompanhar os maridos, pais e irmãos. Então nasceu a PEART – que é o coletivo de Pescadoras Artesanais do Litoral do Paraná em Movimento. A partir daí, tivemos contato com outras mulheres pescadoras artesanais, até do Nordeste, mulheres que vão à luta e não baixam a cabeça para regra imposta pela sociedade de jeito nenhum. Nessa época, nós mulheres das comunidades que fizemos o curso, abrimos nossas mentes. Foi muito importante aquele espaço, pois foi onde nos demos conta do poder da união das mulheres, que não é só limpar casa, fazer comida e cuidar dos afazeres domésticos. Aprendemos muito, principalmente aprendemos a olhar para nós e a buscar e a lutar pelos nossos direitos. Hoje eu estou cursando na Universidade Federal do Paraná (UFPR) o curso de Licenciatura em Educação do Campo. Comecei em 2018, na metade do ano. Eu tinha desejo de me formar professora e, em razão disso, uma porta aberta veio através do movimento. Os apoiadores comentaram conosco e fizeram a divulgação do curso. Assim que a gente terminou nossos estudos, eu, meu primo e algumas pessoas da comunidade ingressaram no curso.



Qual dificuldade você encontrou para o estudo formal, e por que você escolheu a UFPR?

A gente não tem como cursar os cursos convencionais que existem no IFPR ou na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) por exemplo, apesar de serem mais próximos de nós. Elas não oferecem cursos com tempos específicos para nós das comunidades tradicionais. A proposta da UFPR é um curso de licenciatura em educação no campo e é oferecido em regime de alternância e tem um auxílio o qual conseguimos bancar o deslocamento, alojamento e alimentação. Isso faz toda diferença para nós. Se não fosse dessa forma não conseguiríamos estudar. Ficamos 15 dias lá, depois voltamos e ficamos 60 dias na comunidade. Se não fosse dessa forma teríamos que morar na cidade e isso inviabilizaria nosso estudo, nos desconectando da nossa realidade. Dessa forma, em regime de alternância, a gente usa o conhecimento da comunidade, as propostas do curso sempre são voltadas a nossa comunidade, então ele nos aproxima da nossa realidade. Ainda faltam dois anos para que eu termine o curso.

E hoje quando você terminar o curso Lili, você pretende ser professora nas ilhas?

Sim, eu quero terminar, para continuar aqui, pra poder passar adiante de que estando aqui, você também pode ter um futuro. Que não precisa ir pra cidade se você quer algo melhor. Mesmo aqui a gente consegue conquistar os nossos sonhos, ajudar nossos pais, e manter nossa identidade.

Você pode contar um pouco como foi o primeiro Curso que você participou do IFPR?

A coordenação do MOPEAR elaborou uma carta proposta para o IFPR, endereçada a professora Luciana Maestro Borges, pois já tinham conhecimento do trabalho que ela vinha realizando com as mulheres das ilhas. Então realizamos o I ENCONTRO DAS PESCADORAS ARTESANAIS DO LITORAL DO PARANÁ em Guaraqueçaba, o espaço cedido pela Pontifícia Universidade

Católica do Paraná (PUC). E iniciamos um Curso de Artesanato com a técnica das ARPILLERAS. Eu nunca tinha feito artesanato, mas depois que eu comecei a participar do curso, fiquei encantada!! Cheguei em casa era eu, e minha mãe. Até pra ela foi muito bom, porque ela passava por problemas de saúde, então pra nós foi muito bom mesmo. A gente começou o curso com muitas mulheres, no fim algumas saíram, mas acredito que no fim do curso, se formaram um número bom de mulheres. A dificuldade é o acesso mesmo, tinha mulher que chegava a viajar 3 horas de barco para participar. A distância e o deslocamento foram nosso maior desafio. Eu consegui concluir com o apoio dos meus pais. Demorávamos em torno de 2 horas para nos deslocar da nossa comunidade até Guaraqueçaba, depende do vento e da maré.

Fala um pouco sobre o curso das Arpilheiras: como era, e o que significou a Arpilheira pra você?

A Arpilheira foi uma novidade pra nós. Eu realmente não fazia ideia do que fosse. A Professora Luciana, explicou pra nós como era, nos mostrou uma arte das mulheres no Chile. A gente pegava retalho, desenhava o que queríamos representar ali, um conflito, ou algo da nossa comunidade. A gente optou por colocar conflitos, até porque seria usado numa audiência que estava tendo, a respeito do parque, do plano de manejo. Então a gente relatou nas telas os principais conflitos que estavam nos afetando. Quem olhava para as telas, já via o que estava acontecendo, a gente representou a nossa comunidade, as nossas vivências, o nosso dia a dia. Teve tela sobre a guarda florestal, que vinha e tirava a rede dos pescadores. Teve também sobre a educação que foi a minha tela. Minha amiga Suelen também falou sobre educação. A gente contou a dificuldade que era para estudar aqui na ilha ainda. Naquelas telas conseguimos representar todas as nossas dificuldades e nossos desafios. Foi uma conquista dar visibilidade a essas telas, para mostrar um pouco mais do nosso cotidiano e o que passamos. Fizemos em torno de 15 telas. Primeiro levamos

I Encontro de pescadoras artesanais das ilhas de Guaraqueçaba. Crédito: a autora (2017).





O caiçara na cidade
 Devido as proibições de muitas práticas de pesca várias famílias foram embora para Paranaguá por não suportarem a pressão, a perseguição absurda de fiscalização. Eles se viram obrigados a catar lixo no lixo de viladares. Pescador só sabe pescar! Sem estudo não há outra saída para quem sai da ilha e vai para a cidade. Os filhos vão para a rua, para o beco do fumo, lá se envolvem com drogas e prostituição. As famílias que eram unidas pelo trabalho da pesca, agora não se falam, a maioria dos pais não sabem onde estão seus filhos, vivem a tristeza, a angústia de não saber como irão encontrar seus filhos, ou se terão de reconhecer um corpo no IML. Esse é o resultado destas leis, que não valorizam a vida do ser humano no litoral de Guaraqueçaba. Depois da criação do Parque Nacional de Superagui, essa é a nossa triste realidade hoje, e não sabemos até quando... Solange Américo de Oliveira. Pescadora artesanal da comunidade tradicional de Tibicanga. 06 de dezembro de 2017

“O caiçara na cidade” Tela de bordado em arpillera da pescadora Solange Américo de Oliveira. Dimensões: 50x35cm. Fonte: acervo do PEART (2017).

para a audiência sobre o plano de manejo em Curitiba, depois fizemos uma exposição na UFPR, depois fomos convidadas a participar da tenda do MAR, em Belo Horizonte no Encontro Nacional da Agroecologia. Fizemos bonito por lá! A exposição também foi montada na I Feira de Sementes Crioulas dos Pescadores Artesanais do Litoral do Paraná. Eu também viajei para o Maranhão. Foi minha primeira viagem de avião. Foi uma emoção só apresentar nosso trabalho lá para outras mulheres pescadoras. Também pude ensinar essa técnica em algumas oficinas que pude dar. Se as pessoas não entendem, a gente desenha ou melhor... a gente borda!! Também já fomos chamadas algumas vezes no IFPR para falar um pouco sobre o Movimento e sobre o trabalho das mulheres. O fato de saber passar um pouco da minha experiência fez eu abrir mais a minha mente e me sentir valorizada como pessoa, representando outras mulheres pescadoras.

No que refletiu todo esse aprendizado de poder viajar, conhecer pessoas, se comunicar, apresentando as Arpilleras das pescadoras, em sua vida pessoal? Como foi pra você toda essa experiência?

Foi de um jeito bom, levou para um bom caminho, eu era muito mente fechada, tinha vergonha (ainda tenho), mas antes eu era bem mais, ficava calada, não falava nada, muito tímida também. Hoje através do movimento, dos encontros, eu consigo saber qual é o meu lugar de direito como mulher, qual é o direito da pescadora, que ser pescadora não se restringe a só limpar peixe ou limpar o camarão não. Vamos muito além!! Temos uma identidade e isso nos une e nos fortalece. Então

hoje eu tenho uma visão mais ampla do que é ser pescadora dentro de uma comunidade, de quais são meus direitos. Consigo dentro da minha comunidade passar adiante para algumas pescadoras. Algumas acham que não são pescadoras, porque só limpam o camarão, mas isso também é ser pescadora. Porque tem afazeres que elas não contabilizam, como arrumar a rede, varar o barco, cuidar da tralha toda da pesca, cuidar do quintal, etc... Não é porque só não vão matar o peixe que não são consideradas pescadoras. São sim!!! É direito nosso receber o seguro defeso ou se aposentar como profissional da pesca. As pessoas têm esse pensamento de que só homem é pescador porque ele mata o peixe, e o trabalho da mulher? Se não fosse o trabalho da mulher, que completa toda essa logística, o peixe não chegava na mesa das pessoas não. Quando eu vim para cá, em Superagui eu limpava muito camarão, eu e outras mulheres tínhamos a mão em carne viva de tanto limpar camarão. Então se isso não é ser pescadora, então eu não sei o que é. Não podemos desmerecer todo nosso trabalho.

Você acha que o curso abriu sua mente, e você pode passar para essas mulheres o direito delas, o entendimento delas como pescadoras? Você hoje consegue fazer isso?

Consigo sim, até mesmo na apresentação das arpilleras, a gente foi passando de ilha em ilha junto com o MAPEAR, e nós víamos muito isso. Eu e minha colega Adriana víamos que outras mulheres não se enxergavam como pescadoras, e nós conseguimos passar para muita gente. Eu sempre comento que quando eu ia num barraco, a gente fala barraco, quando ia

limpar o camarão, sempre tinha uma mulher que falava “ Ah mas a gente só limpa o camarão”. Mas isso também é ser pescadora, porque sem isso não tem como vender o camarão.

Como você vê as ações do IFPR em relação ao acesso à educação e aos direitos dentro das comunidades de vocês?

Hoje eu estou tendo que sair da comunidade para estar estudando numa universidade que me deu condições através de um curso de alternância, pois existe o tempo escola e tempo comunidade. Mas hoje eu só estou cursando um curso superior, porque participei do projeto de extensão do IFPR, que foi o Curso das Arpilleras. Através desse processo eu pude ter acesso à educação e estou correndo atrás do meu sonho de ser professora. Durante o ano do curso em 2017 recebemos a visita de uma representante do Ministério da Educação (MEC) em nossas comunidades e ganhamos o prêmio da medalha Paulo Freire Paulo Freire, motivo de orgulho. Se não fosse esse processo do MOPEAR/PEART junto com do IFPR, de terem feito esses cursos para nós nas ilhas, eu acho que hoje eu estaria na cidade, procurando emprego, esquecendo o meu lugar, de onde eu vim, esquecendo a tradição do meu povo; Porque é o que está acontecendo nas ilhas. O pessoal não reconhece, não dá valor pros seus antepassados, para os seus pais, para profissão. As pessoas pensam que querem algo melhor, e pra isso precisam ir pra cidade. Não desmerecendo, mas a gente vê

muitos saindo daqui, procurando “algo melhor” mas é tudo ilusão. A gente vê que viram catadores de lixo, ou então não conseguem emprego. É o caso do meu irmão, ele ainda não conseguiu emprego, e já está lá há anos. Ele está trabalhando em uma aplicativo de motorista. A dificuldade é demais, agora ainda mais com a pandemia. Ficamos preocupados, é um trabalho perigoso. Entra qualquer um no carro, a gente não sabe como que está... Se não fosse o Instituto e o Movimento hoje eu estaria na cidade, porque com os cursos, com o apoio do movimento, a gente conseguiu dar mais valor para os nossos pais, ter a nossa identidade, valorizar nossa profissão e lutar pelos nossos direitos.

“Onde está a ‘luz para todos?’”. Tela de bordado em arpillera da pescadora Erica Costa Gonçalves Pereira. Dimensões: 50x35cm. Fonte: Acervo PEART (2017).



“Pesca da Manjuba”, tela de bordado em arpillera da pescadora Adriana dos Santos Nascimento. Dimensões: 50x35cm. Fonte: acervo do PEART (2017).

